



Artículos y Ensayos

**O ADOLESCENTE AUTOR DE ATO INFRACIONAL E SUA SUBSERVIÊNCIA
AO TRÁFICO DE DROGAS**

CYNTHIA SILVA MACHADO

RESUMO

Durante o período de seis anos exercendo a função de psicóloga no Programa Liberdade Assistida da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte/MG foi possível observar um grande número de jovens envolvidos com o tráfico de drogas, o que instigou a reflexão sobre as causas que levam a essa prática. Sabe-se que a pensadora política Hannah Arendt foi uma das que melhor pensou a questão da violência na contemporaneidade e por essa razão tenta-se uma aproximação de sua teoria com a problemática apresentada. Refletir sobre as razões/motivações que levaram jovens em cumprimento de medida socioeducativa de Liberdade Assistida da Regional Leste Belo Horizonte/ Brasil a persistirem na violência é o objetivo deste trabalho. Violência é aqui entendida como envolvimento com o tráfico de drogas. Os jovens em questão estão na

faixa etária entre 12 e 18 anos, residentes da mesma regional em que cumpriram a medida socioeducativa e, em sua maioria, também residentes de aglomerados urbanos.

Palavras - chave: Jovens; violência; tráfico de drogas

EL AUTOR DE LA INFRACCIÓN

**ADOLESCENTE Y SU SERVILISMO CON EL
NARCOTRÁFICO**

RESUMEN

Durante un período de seis años trabajando como psicóloga en el Programa de Libertad Asistida en el Ayuntamiento de Belo Horizonte / MG, me fue posible observar un gran número de jóvenes que participan en el tráfico de drogas, situación que fomentó la reflexión acerca de la causa que los lleva a esta práctica. Se sabe que la pensadora político Hannah Arendt fue una de las



mejores pensadores sobre esta violencia contemporánea, por lo tanto, se intentará una aproximación a la problemática presente desde su teoría. El objetivo de este trabajo es reflexionar sobre las razones /motivaciones que tuvieron los adultos jóvenes que recibieron medidas sociales educativas de Libertad Asistida Leste Regional en Belo Horizonte / Brasil a insistir con la violencia. La violencia aquí puede significar uso de drogas. Los sujetos de este estudio se encuentran en el grupo de edad de 12 a 18 años, residentes en la misma región en la que están recibiendo la medida socio-educativa, y la mayoría de ellos eran también los residentes de zonas urbanas.

Palabras claves: Jóvenes; violencia; tráfico de drogas

THE TEENAGER OFFENDER AND HIS SUBSERVIENCE TO DRUG DEALING

ABSTRACT

During a period of six years working as a psychologist at Assisted Freedom Program at the City Hall in Belo Horizonte/MG, it was

possible to observe a big number of young people involved with drug dealing, which fostered a reflection about the cause that takes them to this practice. It is known that the political thinker Hannah Arendt was one of the best thinkers about this contemporary violence, therefore an approach of her theory and the problematic presented is tried. The objective of this study is to reflect on the reasons/motivations which took young adults receiving social educational measures of Assisted Freedom at Regional Leste in Belo Horizonte/ Brazil to insist with the violence. Violence here can mean involvement with drugs. The subjects in this study are in the age group of 12 to 18 years old, residents in the same region where they are receiving the socio-educational measure, and most of them were also residents of urban places.

Keywords: Young adults; violence; drug dealing.



Introdução

Segundo o documento oficial *Impacto da Violência na Saúde das Crianças e Adolescentes* (Ministério da Saúde, 2009), as crianças e adolescentes são as principais vítimas da violência no Brasil, sendo que em 2006, somados aos acidentes, responderam por 13,7% das causas conhecidas de óbitos no país e 53% dos óbitos de adolescentes, na faixa etária de 10 a 19 anos.

Sabe-se também que muitas mortes de jovens estão associadas ao envolvimento com o narcotráfico. Pesquisas apontam que, atualmente, a idade média para entrada de um adolescente no tráfico de drogas é de apenas 13 anos.

Buscar uma teorização que possa auxiliar numa maior sustentação e compreensão do fenômeno da violência entre jovens dos aglomerados urbanos de Belo Horizonte se faz de extrema relevância. Só assim pode-se pensar em políticas públicas de promoção da saúde na juventude e prevenção de violência.

Metodologia

Para Lehfeld (2004, p. 34), “a pesquisa descritiva é a descrição do objeto por meio da observação e do levantamento de dados, ou ainda pela pesquisa bibliográfica e documental”.

Baseando-se nas palavras de Demo (2001), a pesquisa é uma contribuição social, uma vez que ela produz história.

Muitas são as teorias que apresentam explicações e justificativas para a violência, mas foi a partir do arcabouço teórico de Hannah Arendt, pensadora política que tanto se debruçou sobre a compreensão do Sistema Político Totalitário, que se tentou elaborar



questionamentos acerca de adolescentes em conflito com a lei. Como psicóloga atuante por seis anos no Programa Liberdade Assistida¹ da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte /Brasil foi possível observar que jovens da faixa etária entre 12 e 18 anos, residentes dos aglomerados urbanos, e que cumprem a medida socioeducativa acima mencionada, em sua maioria, estão cada vez mais envolvidos com a violência, entendida aqui como tráfico de drogas. Aqui, objetivou-se a reflexão das razões/motivações que levariam estes jovens a persistirem neste lugar.

Discussão

A população observada compõe-se de jovens que nasceram e cresceram num meio de violência e que se deparam em seu dia a dia com situações em que a mesma se faz presente.

O trabalho realizado no Programa Liberdade Assistida teve primordialmente a escuta do caso a caso em atendimentos individuais e semanais. Este artigo é um relato de experiência do trabalho realizado como psicóloga desse programa que acompanha jovens que respondem a processo por atos infracionais. O que aqui se apresenta é fruto de observação empírica dos casos acompanhados.

¹ O Programa Liberdade Assistida tem como objetivo o acompanhamento de jovens entre 12 e 21 anos em cumprimento da medida socioeducativa de liberdade assistida prevista na legislação brasileira(Estatuto da Criança e Adolescente). Considerando-se a mudança de Código de Menores para o Estatuto da Criança e Adolescente e os avanços em relação ao tratamento dado ao jovem autor de ato infracional, é importante que se avance também nas formas de entendimento deste jovem com a violência. Diferentemente do Código de Menores, que tinha um teor punitivo para tratar estes jovens em conflito com a lei, o ECA traz reformulações e inovações importantes, especialmente com as medidas socioeducativas, que têm um caráter coercitivo e pedagógico. Para melhor localizar, ressaltamos que as seis medidas socioeducativas (artigo 112) previstas no Estatuto são: advertência, reparação de danos à comunidade, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, semiliberdade, internação.



Sabe-se que as medidas socioeducativas previstas no Estatuto da Criança e Adolescente (1990) têm teor pedagógico e coercitivo e como premissa a retificação subjetiva nos jovens autores de atos infracionais.

Assim, o acompanhamento dos jovens visa três pilares importantes: a relação do jovem com a família, com a escola e com a profissionalização. Tendo em vista o rompimento de vínculos, o propósito do acompanhamento é o estabelecimento dos mesmos e por esta razão uma melhor amarração destes eixos é de suma importância.

Sabe-se que a Resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009 do CNAS - Conselho Nacional de Assistência Social, aprovou a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, organizando-a por níveis de complexidade do SUAS - Sistema Único de Assistência Social: Proteção Social Básica e Proteção Social Especial de Média e Alta Complexidade. Com esta resolução, há mudança de Programa para Serviço de Proteção Social a Adolescente em Cumprimento de Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida (LA), e de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC). Este serviço tem por finalidade prover atenção socioassistencial e acompanhamento aos adolescentes e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto, determinadas judicialmente e deve contribuir para o acesso a direitos e para a ressignificação de valores na vida pessoal e social dos mesmos. Para a oferta do serviço faz-se necessária a observância da responsabilização face ao ato infracional praticado, cujos direitos e obrigações devem ser assegurados de acordo com as legislações e normativas específicas para o cumprimento da medida. Só a título de citação: o atendimento deve ter frequência mínima semanal que garanta o acompanhamento contínuo e possibilite o desenvolvimento do PIA – Plano Individual de Atendimento. O PIA é elaborado com a participação do adolescente



e da família, devendo conter os objetivos e metas a serem alcançados durante seu cumprimento, perspectivas de vida futura, dentre outros aspectos a serem acrescidos de acordo com as necessidades e interesses dos adolescentes.

E seguindo os passos dados por Arendt (2002), pode-se pensar que a única forma de dar significado ao conhecimento e transcendê-lo é voltar-se para estes jovens e escutá-los com cuidado.

Numa tentativa de aproximação com a teoria arendtiana, pressupõe-se que o poder organizado do tráfico de drogas se apresenta na vertente de um movimento com resquícios totalitários. O que vivemos na contemporaneidade é um Estado Democrático de Direitos enfraquecido e a conseqüente criação de novos poderes na sociedade.

Ressalta-se que no século XVIII, Montesquieu, filósofo e político, se convencia de que os costumes e convenções constituem a moralidade de toda civilização. Arendt (2002) faz uma construção lembrando o que o filósofo tecia a respeito do assunto. Assim sendo, a falência destes costumes era para este pensador também a derrota de um corpo político que era garantido pela simples força unificadora da moralidade.

Montesquieu, de acordo com Arendt (2009) salienta que a vida dos povos é governada por leis e costumes. Leis que governam as ações do cidadão e costumes que governam as ações dos homens. Sendo assim, leis que estabelecem o domínio da vida pública e política e os costumes estabelecem o domínio da sociedade. Ainda reitera o que a filósofo que a falência das nações tem início com a destruição gradual da legalidade, seja porque o governo no poder abusa das leis, seja porque elas nascem de uma autoridade que se torna questionável. Em ambos os casos, as leis perdem a validade. Como resultado, a nação perde, junto com a crença em suas próprias leis, sua capacidade de ação política



responsável; as pessoas deixam de serem cidadãos no sentido estrito do termo. O que resta são os costumes e a moralidade. Mas, quaisquer incidentes que não se fundem mais na legalidade podem destruí-los; qualquer contingência pode ameaçar uma sociedade que não está mais garantida por cidadãos.

Quanto a modernidade, Montesquieu, citado por Arendt(2009) esboça os perigos a que se sujeita um corpo político cuja integridade é garantida apenas pelos costumes e tradições, isto é, pela simples força unificadora da moralidade. Os perigos podem vir de dentro sob a forma do mal uso de poder, ou de fora sob a forma de agressão.

Ainda neste raciocínio, atribui-se à Revolução Industrial mudanças tão radicais no mundo. A grande transformação se deu dentro de uma estrutura política cujas bases não estavam mais seguras, e, portanto, arrebatou uma sociedade que, embora fosse capaz de compreender e de julgar, não mais poderia explicar suas categorias de compreensão e padrões de juízo, quando estes fossem seriamente desafiados.

Reitera Montesquieu:

O homem, este ser flexível que, em sociedade, liga-se aos pensamentos e expressões de outros, é tão capaz de conhecer sua própria natureza, quando esta lhe é mostrada, quanto o é de perdê-la, a ponto de sequer chegar a senti-la quando a estão roubando. (citado por arendt, 2002, p. 46).

Nesta citação, percebe-se que este filósofo (conforme citado no livro de Arendt, 2009) diz da perda da capacidade de ação política, condição central para a tirania, mais do que a expansão da falta de sentido e mais do que a perda de senso comum. Trata-se da perda



da busca de significado e da necessidade de compreender. Aqui é possível pensar no sistema político totalitário, bem como o que dele restou na contemporaneidade.

Considerando a teoria desenvolvida por Arendt (1994) e os conceitos de força, poder, violência apresentados em sua obra, tem-se como pressuposto que os jovens assumam a função de “soldados” do tráfico de drogas.

Participantes ativos da violência, esses jovens constituem em sua grande maioria, sobreviventes de um sistema que, se não se pode denominá-lo de totalitário *strictu sensu*, pelo menos destacar alguns pontos convergentes com este sistema político.

Reiterando o pensamento arendtiano, cabe aqui sua definição de Sistema Político Totalitário:

São organizações maciças de indivíduos atomizados e isolados. Distinguem-se dos outros partidos e movimentos pela exigência de lealdade total, irrestrita, incondicional e inalterável de cada membro individual. Essa exigência é feita pelos líderes dos movimentos totalitários mesmo antes de tomarem o poder e decorre da alegação já contida em sua ideologia, de que a organização abrangerá no devido tempo, toda a raça humana. O totalitarismo jamais se contenta em governar por meios externos, ou seja, através do Estado e de uma máquina de violência; graças à sua ideologia peculiar e ao papel dessa ideologia no aparelho de coação, o totalitarismo descobriu um meio de subjugar e aterrorizar os seres humanos internamente. (Arendt, 2000, p. 356)

Arendt (2009) conceitua também o termo massa e dele abstrai homens sem a capacidade de ação política, prisioneiros da necessidade, um *animal laborans* que tem apenas uma



vida social gregária, pois perde toda a noção de pertinência a um mundo que é o lugar onde, outrora, a palavra e a atividade livres dos homens se conjugavam.

O Estado nazista oferecia aos seus seguidores uma pseudoidentidade pela identificação com o incomparável. Estado alemão e um pseudo-respeito próprio pela ideologia da superioridade da raça alemã. Não era uma identidade própria dos homens, mas uma ilusão, uma forma de mantê-los integrados ao Sistema Político Totalitário. Assim se formava uma massa de homens iludidos por uma falsa identidade.

Souki (1998), abordando Hannah Arendt, aponta as seguintes características para os homens de massa:

- Indivíduos isolados (impasse para o qual são conduzidos os homens, a partir do momento em que a esfera política de sua vida comum é destruída);
- Desenraizados (*rootlessness*, que cria a desagregação das relações humanas);
- Sem interesses pessoais (desvitalização da capacidade do humano);
- Apáticos (não há consciência moral, vontade e capacidade de julgamento);
- Ausência de lugar próprio (*homelessness*) ou também traduzindo: o homem sem mundo vai tendo devorada a vida privada e assim todo espaço político;
- Despolitizados. Podemos pensar que o homem não tendo capacidade política, é então levado por outros;
- Sem poder ou perda da capacidade de indignação.



Com tantos atributos, podemos, todavia, pensar que esse homem, torna-se um ser supérfluo, não sendo mais um fim em si mesmo, e por isso o seu valor como homem se encontra relativizado. Esse homem passa a ser o agente e a vítima do mal banal.

Reitera Souki (1998) que o conceito de homens de massa se contrapõe à fluidificação das relações sociais. O afeto entre os sujeitos perde o lugar na pólis, termo cunhado pelos gregos e que poderia ser compreendido como a cidade, a comunidade organizada, formada pelos cidadãos, isto é, pelos homens nascidos no solo da cidade, livres e iguais.

E aqui vale relacionar estes homens, conceituado por Arendt e citado por Souki (1998) e os “soldados do tráfico de drogas”. Não seriam os jovens soldados, homens da massa? Jovens vazios de pensamento. São hipóteses atrevidas para se pensar quem são eles, pois o que salta aos olhos adolescentes que não questionam nenhum ponto de suas vidas e que nela parecem lançados, sem se perguntarem por que e para quê vivem. O que desejam ser na vida? São questões instigadas nos atendimentos, mas que não conseguem alcançar seus pensamentos. As perguntas ficam sem resposta e o que parece é haver uma incompreensão do que foi perguntado. São jovens que olham e não sabem dizer de seus sonhos, de seus quereres, parecem isentos do pensar.

Arendt (2009, p. 43) nos diz: “Uma vida sem pensamento é totalmente possível, mas ela fracassa em fazer desabrochar a sua própria essência - ela não é apenas sem sentido; ela não é totalmente viva. Homens que não pensam são como sonâmbulos” e ainda reitera conceituando o termo: “Vazio de Pensamento” como sendo uma irreflexão ou superficialidade que se caracteriza como uma ausência de pensamento.

A hipótese seguinte seria de que, privados de sua individualidade, de uma relação solitária consigo mesmos que é impulsionadora do pensar e absortos de um vazio de



pensamento, estes jovens “vazios de pensamento” se veem identificados a um ideal ou ao líder personificado pelo o traficante.

Nos campos do tráfico de drogas, pode-se relativizar que indivíduos antes invisíveis, encontram um lugar na massa como "soldados" ou trabalhadores do tráfico.

A lealdade destes jovens ao movimento do tráfico também pode estar associada ao fato de que, desprovidos de outros laços sociais, adquirem um lugar no mundo quando participantes do tráfico de drogas.

O mesmo acontece aos que estiveram inseridos no totalitarismo. A distinção dos dois movimentos se faria apenas na identificação ao líder, presente nos movimentos do tráfico de drogas e ausente no totalitarismo. O ideal do traficante e a possibilidade de ascensão, de substituição, é muito presente no imaginário dos “soldados do tráfico”, onde os jovens anseiam por um lugar na hierarquia da traficância. Têm-se sua entrada como “olheiros”, querem depois pegar em armas, e mais tarde serem chefes, mandantes e líderes.

Soldados ou líderes, não importa o lugar ocupado, estes seres não deixam de serem supérfluos e descartáveis e por isso mesmo são continuamente substituídos, não tendo assim um lugar construído, apenas temporário.

Resultados

Espera-se com esta pesquisa contribuir com reflexões sobre a efetividade, a lógica, a racionalidade da implementação de políticas públicas para promoção da saúde e prevenção da violência entre adolescentes.



Para levantar puntos que caracterizam o perfil desses jovens que se aventuram no tráfico de drogas, é conveniente lembrar que a substituição do líder se dá de maneira rápida. Cada lugar é ocupado e desocupado muito rapidamente.

Conclui-se que para se pensar em promoção de políticas, serviços e programas de prevenção da violência, é preciso *a priori* compreender o que leva os jovens a se envolverem com o narcotráfico.

Souki (1998) cita que num artigo intitulado “A Responsabilidade Coletiva”, Arendt estabelece a distinção bem nítida entre culpabilidade e responsabilidade. Essa discussão vai desaguar numa questão mais ampla sobre ética, moral e direito, levando-a a concluir que a única atividade que parece corresponder às proposições morais seculares e validá-las é o pensamento, que pode ser especializado do termo, como um diálogo silencioso de mim para comigo mesmo. Em que medida essa faculdade de pensar que se exerce na solidão, se estende à esfera puramente política sempre com o outro, na qual eu estou, poderia efetivamente trazer mudanças?

É prudente lembrar que “o ato de pensar” como um movimento de contemplação leva a um movimento crítico e questionador. Neste sentido é importante, por exemplo, a distinção de Santo Tomás de Aquino entre *ratio* (razão), o espírito humano enquanto voltado para o conhecimento da realidade mundana (*quidditas rei sensibilis*) num processo abstrativo e discursivo, e o *intellectus* (intelecto), o espírito humano enquanto aberto à totalidade do ser e capaz de compreender o sentido dos entes através da intuição intelectual. Semelhante é a distinção kantiana entre *Verstand* (entendimento), a faculdade de conhecer os objetos mundanos e *Vernunft* (razão), faculdade das idéias a



priori da totalidade (mundo, alma, Deus). Estas, “porém, segundo Kant, são meramente reguladoras.”

Considerações finais

O que foi possível observar empiricamente no contato com estes jovens, é que o tempo de vida varia entre 15, 20 e poucos anos e por esta razão a sua inserção no movimento do tráfico até a morte é também breve. O tempo que os mesmos permanecem em cada função é também curto. A entrada é geralmente o seu recrutamento como “olheiro” que pode se dar aos 07, 08 anos de idade, dependendo da situação social ou da composição do território, da experiência anterior de alguém na família ou vizinho. Esta vulnerabilidade pode ser entendida como o consentimento dos pais ou em razão do local onde residem e assim da posição mais subserviente da família ao chefe do tráfico, dentre outras razões.

Aqui se faz necessária a observação de que a guerra urbana na qual se dá o movimento do tráfico de drogas é o território dos aglomerados onde a maioria destes adolescentes se encontra. Dali, raramente os mesmos saem e circulam.

Os jovens aqui analisados são os que se encontram imersos nesta guerra e que participam ativamente dela, pois lutam por sua ascensão na hierarquia da indústria do tráfico.

Frases ditas por estes jovens ratificam a situação de vulnerabilidade social dos mesmos: “Não posso ir a pé a lugar nenhum por causa da guerra.” (sic).

É conveniente lembrar que o que se vê mais comumente são famílias monoparentais femininas. Raramente há famílias nucleares simples.



Assim “nascem” estes meninos, muitas vezes vítimas da violência, em meio a ela e respondendo à mesma. São também invisíveis na massa familiar, na prole de 10 ou 12 filhos, isentos do desejo de seus genitores, apenas tendo o lugar de mais um na série dos filhos. Nada mais. Assim, inicia-se a vida de muitos deles.

Faz-se aqui parênteses para dizer que prole numerosa hoje é variável, pois encontra-se famílias com número reduzido de filhos, mas geralmente frutos de relacionamentos variados. Raramente vê-se famílias de 04 ou 05 filhos de um mesmo genitor.

A estes jovens “soldados do tráfico de drogas”, isentos de uma razão reflexiva, inábeis ao pensar, julgar e agir sob sua própria consciência e responsabilidade seriam possíveis outras saídas, que não a violência?

Infere-se com este trabalho a consideração de que o ato de refletir sobre sua própria condição, seria a possibilidade de sair de uma posição subserviente em relação ao próprio tráfico e à violência. Somente donos de seu próprio pensamento e assim de suas escolhas e destino, é que estes jovens poderiam mudar e não naufragar na vida. Mudar a realidade na qual estão inseridos é poder, primeiramente, indagar sobre ela, sobre o lugar no qual ocupam no mundo. É este movimento silencioso conceituado como pensar, que serviria como um antídoto contra a violência.



Referências

- Arendt, H. (1994) *Sobre a violência*. (André Duarte, Trad.). Rio de Janeiro: Dumará.
- Arendt, H. (2000). *Origens do Totalitarismo*. Introdução, prefácio e parte 03.
- Arendt, H. (2002). *A dignidade política*. Rio de Janeiro: Relumé Dumará.
- Arendt, H. (2009). *A vida do espírito*. (César Augusto de Almeida e outros, Trad.). São Paulo: Civilização Brasileira.
- Estatuto da Criança e Adolescente* (1990). Lei Federal nº 8069. Promulgada em 13 de julho de 1990. Brasília, DF: Presidência da República.
- Lefheld, N. A.; Barros, A. J. Paes de. (2004). *Projeto de pesquisa: propostas metodológicas*, 15. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Ministério da Saúde (2009). *Impacto da Violência na Saúde das Crianças e Adolescentes*, Brasília, DF.
- Ministério do Desenvolvimento o Social e Combate à Fome (2009). Secretaria Nacional de Assistência Social Conselho Nacional de Assistência Social - CNAS, *Resolução 109* de 11 de novembro de 2009, Brasília, DF: Presidência da República.
- Souki, N. (1998). *Hannah Arendt e A Banalidade do Mal*. (2a ed.). Belo Horizonte: Editora UFMG.